



A.A.

Concluida a arca, Noé despede-se

D. Q. — Obrigado, grande patriarcha! Se os disparates dos nossos politicos derem causa a algum diluvio, poderemos assim salvar a Patria.
 S. P. — Mas desta vez não levaremos bicharia alguma; está muito desmoralisada com a jogatina!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 4 DE MAIO DE 1896.

Trevas e luz

Acabamos de ter nos Estados da Republica duas scenas de character bem diverso, e ambas altamente significativas.

Findo o periodo constitucional do governo em Pernambuco e em S. Paulo, os respectivos presidentes depuzeram o mando e passaram as re-deas da administração aos seus legitimos successores. Aos Srs. capitão Barbosa Lima e Dr. Bernardino de Campos succederam os Drs. Corrêa de Araujo e Campos Salles, eleitos pelo povo com grande maioria e quasi se pode dizer sem lucta de partidos.

Até ahi perfeita similhança. A ausencia de um renhido pleito eleitoral quer em Pernambuco quer em S. Paulo, não seria um symptoma animado e revelaria an'es uma lamentavel indifferença publica pela direcção dos negocios, si não se explicasse naturalmente pelo valor incontestado dos cidadãos eleitos: um o Dr. Corrêa d'Araujo, politico do antigo regimen, administrador experimentado e alvo de grandes sympathias populares no Estado de Pernambuco, — outro, o Dr. Campos Salles, chefe republicano cercado de respeito, dotado de altos predicados intellectuaes e moraes, e valto proeminente desde o inicio da Republica nos conselhos do governo provisório.

Si porem houve em Pernambuco e em S. Paulo grandes similhanças quanto à escolha indispudada de seus novos governadores, o mesmo se não pode dizer em relação ao sentimento popular com que n'elles foi saudada a passagem do poder.

Pernambuco, comprimido por espaço de quatro annos pela ferrea dictadura de um tyranno, — filho genuino do governo de 23 de Novembro, producto pathologico das deposições inconstitucionaes e criminosas, sacudiu de cima de si o peso de uma calamidade social, estremeceu de su-

bito, renasceu para a liberdade, abriu os olhos á luz radiante da democracia symbolisada n'um eleito do povo, n'um portador da boa nova. A imprensa pernambucana, que gemêra a mordaçada deante das baionetas do dictador, e que só a medo e a custo conseguira n'estes ultimos mezes um vislumbre de independencia e de liberdade, á sombra benefica do governo federal inaugurado a 15 de Novembro de 1894, — a imprensa rompeu os diques da indignação e ao empossar-se o novo governador cantou o hymno da victoria, condemnando sem trégoa e sem reticencias o governo ominoso que deslustrára a digna terra de tantos heroes. Lá, a capital embandeirou em festa, e d'um extremo do Estado ao outro sentia-se a vibração electrica do regosijo do povo pela terminação do martyrio.

Quão diverso o espectáculo offerecido em S. Paulo! Aqui, no prospero Estado visinho, quiz a boa estrella do povo paulistano que fosse chamado em 1892 ao governo o illustrado Dr. Bernardino de Campos, e este habil administrador, este honrado republicano, cercado de homens de merito, não fez sinão trabalhar patrioticamente pela grandeza e pela felicidade do Estado. A sua bella obra ahi está e constitue-lhe um legitimo titulo de gloria. Bernardino de Campos deixa o governo como um benemerito.

Por isso mesmo, as mais eloquentes demonstraçoens populares de apeço e de saudade o acompanham ao recolher-se á vida particular. Todas as classes se unem para render preito de admiração e reconhecimento ao democrata sincero, respeitador dos direitos e da liberdade do cidadão, propugnador corajoso dos melhoramentos materiaes e moraes de S. Paulo.

Quem vem substituil-o é um estadista de alto merito, filho querido do torrão paulistano, espirito lucido e ponderado, fortalecido nas cogitaçoens do direito e possuidor de um passado honrosissimo. As esperanças depositadas no governo que sóbe não podem ser mais justificadas. E todavia o povo, cujo nobre coração palpita sempre pela justiça e pela verdade, o povo despede-se saudoso do governo que desce, porque esse governo soube ser o interprete fiel da verdade republicana.

Que proveitosa lição para os nossos homens politicos. Oxalá não a percam os saudosos thuriferarios da tyrannia!

AMNISTIA INVERSA

O novo trabalho de Ruy Barbosa — *Amnistia inversa, caso de teratologia juridica*, defesa perante o juizo seccional dos condemnados pela amnistia de 1895 — como tudo que cahe da penna do illustre escriptor e jurisculto eminente, é mais um titulo de gloria para o seu talento privilegiado, para a sua extraordinaria illustração.

A imprensa d'aria, em concerto unanime, já teceu os merecidos elogios a essas razões, onde o profundo saber do emerito edvogado, servido por uma linguagem aprimorada e captivante, manifesta-se evidente, mesmo aos olhos dos extranhos á sciencia do direito.

O congresso que votou, por uma suggestão de odio irreprimivel, tal amnistia invertida, recebeu nas paginas d'esse trabalho monumental na lição, que oxalá lhe aproveite... se é que na sua teimosia elle não irá até desconhecer aquillo que mesmo os adversarios mais irreconciliaveis do escriptor e dos seus constituintes tiveram a probidade de reconhecer e apreçoar.

Ao illustre Sr. Dr. Ruy Barbosa agradece nos penhoradissimos o exemplar com que nos distinguiu, e que occupará em nossa estante o logar de honra.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* vai passando sem novidade em sua saude, apezar de alguns dos nossos assignantes não se lembrarem até agora de mandar satisfazer a importancia da reforma de suas assignaturas.

Simple esquecimento, que, estamos certos, vai ser sanado sem demora.

A 26 do mez findo a *Gazeta de Noticias* publicou o retrato do phenomeno do seculo XIX, que, pela corpulencia e mais alguns detalhes, supuzemos á primeira vista ser o do proprio redactor-chefe da folha.

A legenda, porém, veio logo salvar o equívoco. O retrato é a do Sr. Henri Cannon Berg, cuja coxa mede a grossura de um metro e 22 centimetros, só.

O novo gabinete francez, do Sr. Méline, na sua apresentação ás camaras obteve uma moção favoravel á sua politica por 279 votos contra 251. Dispondo de uma tão grande maioria, logo para começar, esse gabinete está arriscado a morrer de plethora!

Relativamente ao caso de um operario do Arsenal de Guerra, que tentou suicidar-se, o *Jornal do Commercio* publicou um officio do Sr. general commandante d'aquelle estabelecimento, griphando algumas cincadas grammaticas que em tal officio se encontram.

Sem razão do *Jornal*. E' que estando proxima a abertura das sessões do senado, o mesmo Sr. commandante, que tambem tem assento n'aquella casa do congresso, já para alli préviamente remetteu a grammatica de que faz uso e de que não carecia no Arsenal.

Aquelle que chorou, chora e chorará, enquanto Deus lhe der vida, saude e lagri-

mas, já voltou de sua digressão aos estados do norte, e logo depois de sua chegada explicou pelo *Paiz* o discurso que produziu no Ceará, e que tanto barulho causou entre nós.

Muito bem explicado. Tanto que ficou agora garantida a sua candidatura pelo Pará.

Publicou o *Jornal do Brazil* um excellent retrato do pontífice Abexim que sagrou o Negus Menelik.

O *cliché*, no entanto, não é novo. Já o conheciamos do antigo *Besoum*, que o dava como retrato fiel do finado príncipe Natu-reza.

A policia, n'um movimento moralizador, destocou as mulheres que viviam na rua do Senhor dos Passos e disseminou-as pelo resto da cidade.

Os que agora dirige n-se para aquelle sitio, em busca do antigo desafogo, sente n-se logrados e propõem que o nome da rua seja mudado para — Rua dos Passos Perdidos.

Por sua parte o advogado d'essas mulheres já obteve para cada uma d'ellas um papel de *habeas-corpus*, que no caso pôde ser traduzido: «tenham seus corpos onde muito bem quizerem.»

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

TELEGRAMMAS

(Serviço especial do «D. Quixote»)

LEO A TONY

— Viste caso portuguez a 19 annos seduziu rapaz 15 annos?

TONY A LÉO

— Vi, reflecti, applaudi.

LÉO A TONY

— Tu, doido varrido! Applaudes patifarias!

TONY A LÉO

— Patifarias, não. Ambos crianças, a n'bos innocentes, brincavam a n'bos: *pueri ludunt*.

LÉO A TONY

— Não es'á máo brinquedo! Felizmente policia desmanchou differença!

TONY A LÉO

— Policia uma empata... Tu, inveja menino! Todos censuram, todos *sine justiti, sine rationem*!

LÉO A TONY

— Teu latim, tua moral, tudo avariado... Vou denunciar-te *Paiz*, arrumar-te podridão do vicio!

TONY A LÉO

— Meu latim aprendi Cezar Zama; moral, *quantum satis*; e *Paiz* nativista, guerra portuguezes ensinam meninos brasileiros... Toma!

Conforme os originaes,

O estacionario

Gr.

“A BRUXA,”

Nosso collega d'esta vez desdobrou-se em dezeseis paginas, n'um successo enormemente escandaloso!

O numero é particularmente consagrado a S. Paulo, cuja prosperidade celebra publicando uma serie de bons retratos dos membros da administração publica, que agora se retiraram, e dos que vem de assumir o governo do Estado; vistas dos principaes edificios da sua capital, etc.

O Julião teve por companheiros n'esse numero o Belmiro de Almeida, que fez uma excellent caricatura do Dr. Parente, Virgilio Cestari e o Angelo, cá de casa, a quem coube fazer o retrato do Dr. Bernadino de Campos e de seus auxiliares no governo que findou.

O texto é um verdadeiro ramalhete composto por mãos de artistas como Bilac, Guimarães Passos, Coelho Netto e Valentim Magalhães.

Dize n que o numero 13 traz infelicidade; pois, 13 é o numero da *Bruxa S. Pauli*, e não podia ser mais feliz nem melhor.

Até parece que anda obra de bruxaria no caso.

Aqui, alli, acolá

Importante telegraphica do excellent serviço do *Jornal do Brazil* afirma que por occasião da posse do Sr. Campos Salles, do governo de S. Paulo, dentro do edificio do Congresso era *impossivel* andar-se, por causa da grande multidão de assistentes ao acto.

Se elles não podiam andar, como se arranjariam para locomover-se?

Voaram, não ha que vêr; e o que deve ter dado um aspecto pittoresco, inteiramente novo, á cerimonia da posse do sympathico paulista novo governador!

Foram reconhecidos senadores: por Goyaz, o Sr. Antonio José Caiado, e pelo Maranhão, o Sr. Benedicto Leite.

Está, pois, muito bem o nosso senado: Caiado de novo, e tem Leite fresco.

Entre bohemios, no Londres:
— Com que então, *aviaram* o shah da Persia?

O outro, distraído:
— E que me importa isso? Eu nunca o tomei!

— Heim?!
— Ora bem sabes que só aprecio o chá da India!

O Sr. Dr. Manoel Victorino foi a Roma e não viu o Papa — e o que já é não ter sorte.

E o caso que S. Ex. fez a viagem a São Paulo expressamente para assistir á posse do Sr. Campos Salles; mas demorando-se em sua *toilette* no hotel, ao chegar ao congresso já a festa estava terminada e os musicos a pé...

S. E. não ficou assim, porque nem sequer baixou do carro e n'que já. Uma viagem vice-presidencial perdida! Um prazer aguado, por exigencias de uma rigorosa *toilette*!

Um velho soldado reformado é convidado para padrinho de uma criança. No banquete do dia do baptisado, sopram-lhe ao ouvido que a elle, como padrinho, compete levantar o brinde ao pai do neophito, comprehendendo no mesmo brinde a progenitora do mesmo.

E então elle levanta-se, cofia os bigodes, e se n'pre marcial, marcial sempre, diz:

— Meus senhores e senhoras; agora bebamos á saude do meu compadre, descarregando na comadre! Hip! Hip!

Tableau.

FELIX.

O BOND DRAMATICO

Está em scena o Bond Dramatico, de que é conductor, cocheiro, passageiro, campainha e tudo, o muito illustre Sr. Dr. Fausto Cardoso.

E' sina antiga, a do Conservatorio, vulgo o Bond: tem de periodicamente entrar em discussão publica, levando pancada de eriar biho, tornando-se cabeça de turco de todos os chronistas e recebendo uma saravada de denominações que variam de instituição obsoleta até inutilidade pacovia, passando pelos arraias do carrancismo, do anachronismo, e de outras coisas terminadas em *ismo*, todas ellas nada bonitas.

O que d'esta feita deu origem á discussão sobre a utilidade (?) do Conservatorio, isto é, do Bond Dramatico, foi o caso de quererem o seu presidente, secretario e membros á fina força obrigar um empresario a dar-lhes um camarote para elles e seus amigos, isto quando o theatro não dispunha de nem um só camarote vazio.

E' preciso dizer que n'esta, como em todas as questões que affectam o tal Conservatorio Dramatico, os membros d'essa instituição se reclamam de uma coherencia e uma unidade de vistas... nunca vistas!

Por uma cohesão que se lhes deve louvar, o que pensa e diz o presidente Fausto acceta e approva immediatamente o secretario Cardoso; e uma vez sancionada por elles qualquer medida, idéa, ou opinião, verifica-se para logo que do mesmo e inteiro accordo são os demais membros, seus collegas, os Srs. Cardoso e Fausto.

Unidade, coherencia, homogenidade de pensamento e de acção, até alli!

Abriu-se a discussão, provocada por dous jornaes, que faltaram ao respeito devido á sublime instituição dando noticia de uma vaia que soffreu todo o Conservatorio, na noite em que chegando ao Recreio Dramatico encontrou o seu bond com a lotação completa, occupado por gente extranha á mesma instituição sublime.

O thema para a discussão versou sobre o seguinte: tem ou não o Conservatorio direito a um camarote? E' ou não propriedade sua o trecho do theatro que elle Conservatorio transformou em bond?

Os jornaes, transcrevendo o que a Lei preceitua sobre a materia, foram de opinião que os Srs. membros da instituição só têm direito á *entrada* nos theatros não subvencionados. E como nenhum dos actuaes o é — logo, os Srs. Faustos Cardosos fizeram uma exigencia extra-legal aos empresarios theatraes, impondo-lhes um prejuizo em suas rendas e altercando com elles ainda por cima.

Teve a palavra o Sr. Dr. Fausto, presidente, para negar a vaia. Nem um dos membros do Conservatorio fôra vaiado; nem um dos seus amigos, que no momento eram em numero dobrado aos d'esses membros — pois eram dous — dera por tal. E logo não houve vaia.

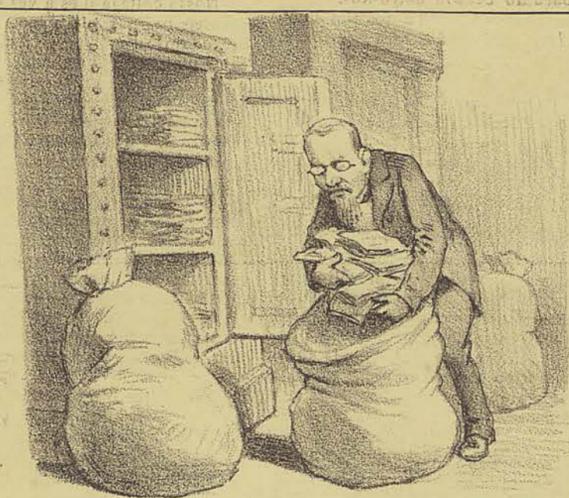
N'este ponto da questão vem á scena o empresario do theatro e conta ao publico que ainda na vespera do dia da questão o Sr. presidente do Conservatorio fizera uma pequena transação mandando vender o respectivo camarote-bond, para obter em troca um outro camarote que elle desejava offerecer a pessoas de sua amizade...

Surge então o Sr. secretario do Conservatorio, o Sr. Cardoso, e como homem formado em direito discute a questão provando á evidencia que o camarote é d'elles membros, por isso que os respectivos proprietarios e empresarios de theatros tendo de muitos tempos lhes

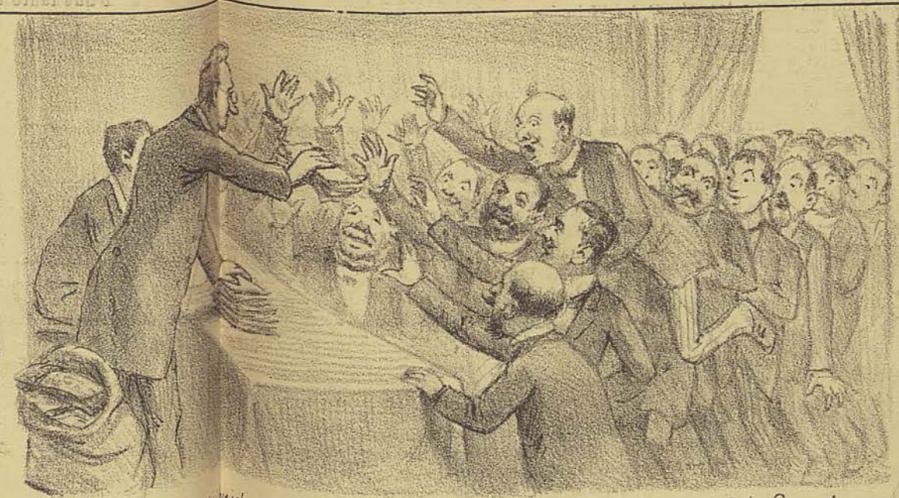
Abertura da Paralela Politica.



D. Q. — D'aqui a dias abrir-se-ha a porta deste importante e sabio congresso.
S. P. — Sapientissimo e muito patriotico!



O que obrigará tambem a abrir a porta dos cofres, onde com tanto cuidado o ministro da Fazenda procura economisar os cobres, para serem

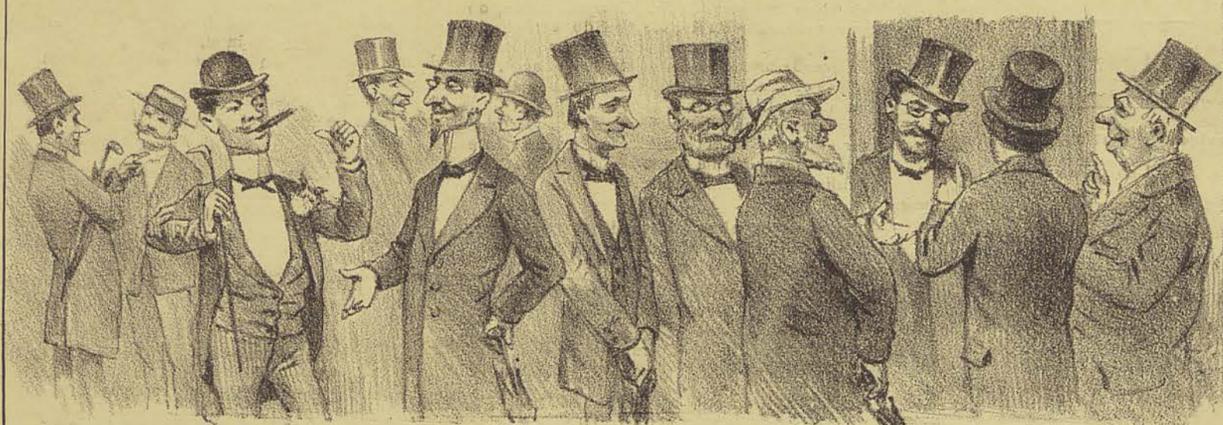


mensalmente distribuidos aos mui nobres e avidos representantes da nação! que, emocão, que enthusiasmo e que apeto! "Um delirio!", disse um illustre deputado pernambucano, quando se recebe o bello subsidio! 2: 250,000, não é barro

Que afan,

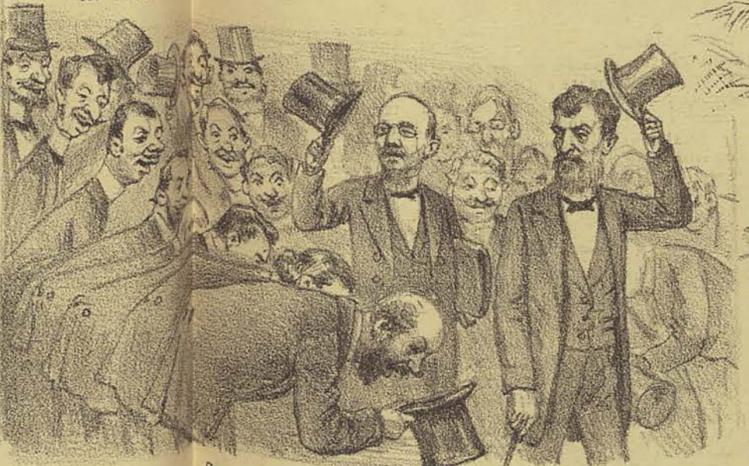


Nesse dia é que os nobres deputados se acham deveras compenetrados da importancia (2:250,000) da representação nacional. Governistas e opposicionistas confraternizam e concordam que não ha nada como ser deputado ou senador; tudo mais são historias!...



Nos dias de subsidio as sessões parlamentares funcionam geralmente na rua do Ouvidor.

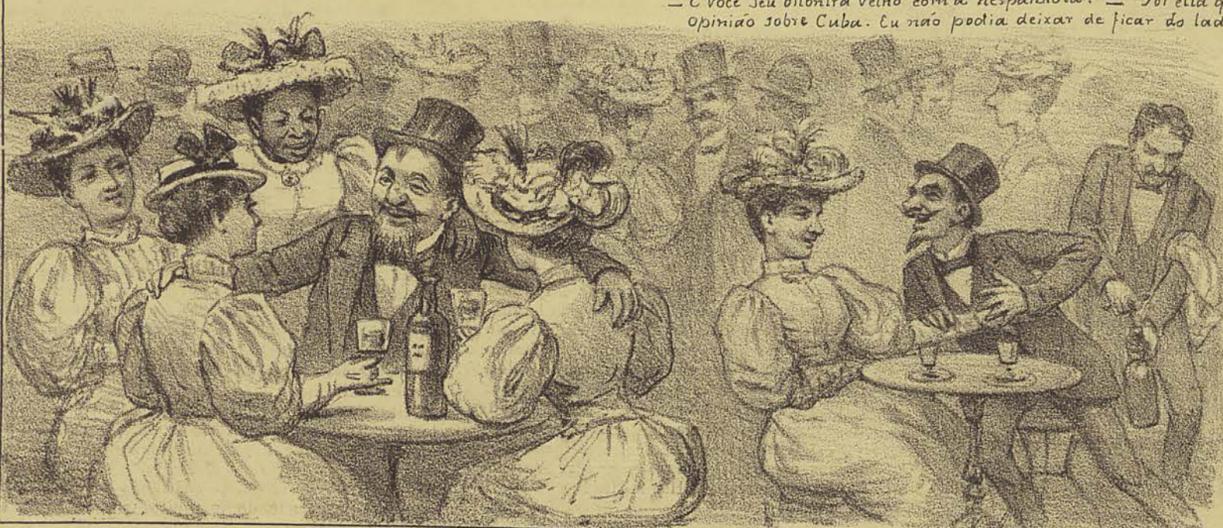
— Vaes á Camara? — Estás doido! Com a botada na algibeira vou lá aturar aquella caceteação?!
— Então pensa que não o vi hontem no theatro com a francesinha?
— Ora, ora, o que havia de fazer... Ella dizime que cu era um deputé bien gentil.
— E você seu bilontra velho com a hespanhola? — Foi ella que quiz saber minha opinião sobre Cuba. Eu não podia deixar de ficar do lado da Hespanha...



Se nesse dia o Dr Prudente de Moraes e o Dr R. Alves passassem pela rua do Ouvidor, opposicionistas e governistas se curvariam respeitosos. — Que bom presidente! Que excellente ministro da Fazenda!



A' noite, o Recreio Dramatico é o lugar preferido como o mais encantador pela maior parte dos nossos Lycurgos que não desdenham olhar para as innumerables Phryneas de todas as cores e feitio, nacionaes e estrangeiras.

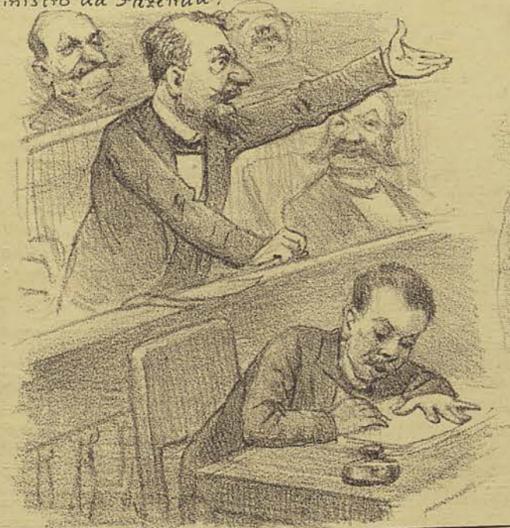


No fim de algum tempo, o mais ferrenho nativista torna-se um cosmopolita. erragá diante das francezas, hespanholas, italianas, portuguezas e hungaras. (Estas para os mais modestos e tímidos) Não encontra embaraços na escolha, e procura agradar a todas, com o nobre fim (ja se vê) de estudar qual a colonisação que mais convem ao paiz em geral e ao deputado em particular...

Alguns chegam a deitar idyllio. E ás phrases as mais apaixonadas e ardentes, aos protestos do mais puro amor, a diva, commovida, responde: — Estou com fome, vamos ceiar?



Mas o...
...dura pouco, e no fim...
...dias o nobre...
...acha-se comple...
...degado!
...de subsidio, não ha...
...que ver!



Insufficiencia, que no dia seguinte e do alto da tribuna, elle applica logo ao presidente da Republica e ao seu ministro da Fazenda, um perdulario que arruina o paiz! Muitos apoiados dos collegas esbodegados.



Esse terrivel discurso de oppoção causa grande sensação! O orador é cumprimentado pelos seus numerosos amigos.



— Que grandes pardegos!

AA

dado espontaneamente um camarote, crearam assim para elles membros um direito... torto.

Quer isso dizer: se eu der aos Srs. Faustos uma casa que possão lá para as bandas do Cabuçú, para elles a habitarem gratuitamente, durante um anno, no fim d'esse anno a minha casa passará a ser propriedade d'elles e isso por um principio de direito, de que eu principio a desconfiar.

X

Pasmo diante d'estas razões de cabo d'esquadra, emittidas aliás por um moço de talento e de illustração, continúa o publico a apreciar a questão em seus variados aspectos curiosos e divertidos, enquanto a imprensa pede a attenção do Sr. ministro do interior para o caso, lembrando-lhe a conveniência de extinguir essa instituição que, sem embargo de ser sublime, é perfeitamente inutil e dispensavel.

X

Vai n'esse ponto a questão.

Os Srs. membros do Conservatorio proseguem no debate, no intuito de provar que o camarote discutido é muito seu: o Sr. ministro não dá signal de haver percebido o caso; os jornaes, já amollados, passam a outro assumpto; e, continuando em cada theatro um camarote á disposição do Conservatorio, dos membros do Conservatorio e dos amigos dos membros do Conservatorio, o Sr. Fausto Cardoso, todo elle uma poderosa e sublime instituição, ordena orgulhoso e vencedor:

— Siga o bond!

X

E o bond segue. E o Conservatorio continúa de posse do disputado camarote, ficando as cousas como no quartel general de Abrantes: tudo como d'antes.

LEO.

BELLAS ARTES

Sua Exa. do Interior entende tanto de arte como nós de dizer missas.

Esta ignorancia do Sr. Gonçalves Ferreira não seria para censurar, se a ella, não juntasse a má vontade que sempre tem mostrado para com os artistas e com os alumnos da Escola Nacional de Bellas Artes, má vontade inexplicavel e que manifesta-se por actos pouco dignos de quem occupa uma pasta de sua importancia.

Ultimamente ainda esse Ex. no. Snr. quiz dar uma prova de sua alta capacidade e amor á essa instituição que elle tem por dever sustentar como ministro do interior, addiando a solução ao pedido dos alumnos, para que lhes fosse fornecida a luz necessaria para as aulas nocturnas de desenho.

Já a propria Escola não dispõe de luz conveniente para os trabalhos diversos; S. Exa. bem sab e d'isso, e um projecto, em que o governo tem tudo a ganhar e nada a perder, foi-lhe apresentado para transferir a actual Escola para um outro edificio mais apropriado.

Mas S. Ex. a nada attende.

Provavelmente, porque os nossos actuaes artistas não são bajuladores e não se occupam de politica, nem vão ao beija-mão do Exm. ministro nem dos altos e sapientissimos empregados da secretaria do interior. Querem simplesmente trabalhar e ter um dia um nome que possa honrar a nossa patria no estrangeiro, como já alguns o tem feito.

— Trabalhar! dirá S. Ex. commodamente recostado á sua poltrona; já se viu que presumpção, que pouca vergonha?!

— E' verdade! responderão os seus empregados de secretaria, enrolando algum cigarro...

E assim foi addiado o requerimento pedindo luz para trabalhar, tão necessaria como é o pão para comer!

A' commissão de alumnos da Escola das Bellas Artes que nos veio pedir para interessarmos-nos pela sua sorte, só responderemos que tenha paciencia; que os alumnos trabalhem ás escuras, como puderm, por enquanto, até que um dia se faça a luz e que o Sr. Prudente de Moraes, que tambem anda ás escuras tanto nesse negocio como nos demais, veja bem, ás claras, que especie de secretarios de estado elle tem para coadjuval-o no seu governo.

E itão, sim; é provavel que sejam attendidos. D'aqui até lá vão aturando, como todos nós aturamos.

X.

A MORTE DA PEPA

Mas que noticia triste, que nova esmagadora acaba de dar-nos o *Correio da Europa*, em sua edição brasileira de 15 do mez findo!

Segundo affirma o excellente *Correio*, por h'o haver communicado o empresario Juca (?) falleceu n'esta capital a actriz Pepa Ruiz, victimada pela febre amarella!

Jesus! Que horror! Que Juca! Que febre!

Além de um necrologio puxado á sustancia, traz o *Correio* um bello retrato da elegante actriz que nós, quando applaudimos todas as noites no *Rio Nu*, mal sabemos ter fallecido ha mais de um mez, estar morta e bem morta!

A noticia encheu de lucto os nossos corações sensiveis... Sómente reclamamos do *Correio da Europa*, por duas rectificações necessarias:

A primeira refere-se ao final do referido necrologio, em que o *Correio* diz: «E' mais uma artista de valor que o Brasil rouba a Portugal e á vida.»

Não, nunca, jamais, meu caro articulista: quem roubou a formosa actriz não foi o Brasil — foram os Srs. Fernandes & Pinto; e esses mesmos não a roubaram á vida — mas ao Eden Lavradio.

O segundo ponto, ainda que de secundaria importancia, é o seguinte: a brilhante artista não foi victimada no Rio de Janeiro — estará sendo victimada talvez, por um delirio de applausos... no *Rio Nu*.

Salvo estas duas rectificações — em tudo mais o *Correio da Europa* andou certo, com a communicação do empresario Juca.

THIAGUINHO.

COLLABORAÇÃO ESPONTANEA

Frequentemente recebemos cartas, muitas cartas, uma multidão de cartas, em que cavalheiros muitissimo del cados e extremamente a naveis nos offerecem a sua collaboração desinteressada e espirituosa, de que nos remetem inclusas algumas amostras.

Em geral limitamos-nos a agradecer o offerecimento — sem todavia acceital-o. Agora porem recebe-nos de um nosso distincto assignante do Jahú, uma carta em que elle nos pede que apresentemos ao publico umas tantas criticas relativas á terra que habita; e um pedido de um nosso assignante é para nós uma ordem: não podemos deixar de attendel-o.

E, para não desfigurar com a nossa prosa descorada e insossa todo o espirito que reza da das proprias criticas apontadas, limitamos-nos a dar publicidade, na integra e *in verbis*, á carta do nosso espontaneo collaborador e bom assignante — chamando para ella a attenção de nossos leitores:

Jahú, 28 de Abril de 1896.

«Saúde e prosperidade. «Ill. m.º Senr.

«Co no assignante peço-vos apresentar as seguintes criticas desta Cidade de S. Sebastião sendo conduzido em um carro para o hospital os desinfectadores custurando defuncto e n um leaçol: O Azevêdo fazendo a pro paganda da meaphathia, O Dr. Ribas intima do o Azevêdo para retirar-se: O delegado oppo do a intinação: O Chef. politico dando carta branca ao Azevêdo; O Dr. Oliveira Pinto cobrando Vizita e n acto continuo; O Dr. Andrade morando e n cima do cavallo russo: O Dr. Oliveira Pinto com a bandeira da victoria por ter salvado mais doentes: O Dr. Tubinanbá cobrando o doente em antes da receita: O Barros & C. querendo descobrir o character da molestia: e os empregados publicos observando do alto dos Pires por um binoculo se a ca nara estava esgotada.

«Peço-vos apresentar todas essas criticas que a sua folha terá u n impulso muito grande aqui nesta Cidade.

«As occurrencias do Jahú durante a epidemia. Seu a nig)***

Ben vê n os leitores: a carta merecia publicidade inteira, e certo é que as criticas a que ella se refere não interessam sómente ao Jahú como modestamente supõe o nosso correspondente, cujo no ne substituímos por tres estrelinhas. Isto vai causar uma revolução em todo o Estado de S. Paulo, nos Estados Unidos do Brazil, em toda a America do Sul, no Orbe inteiro!

E nós, havendo tido a gloria de interessar a humanidade em peso, com a publicação de taes criticas, prestamos um serviço ao nosso estimavel assignante e um outro maior a nós mes nos — porque a nossa folha vai ter um impulso muito grande na cidade de Jahú...

Mettemos uma lança em Africa, com esta collaboração espontanea. E agora — que se arreliem os collegas!

TIL.

Theatros

A' hora e n que traço estas linhas, sãs e escorreitas, a *troupe* infantil do Eden Lavradio deve estar embasbacando as populações e a imprensa, com a exhibição do *Tim-Tim*, com imitações approximadas do Bandão e felicissimas da Pepa.

Não. Não reeditarei as minhas jeremiadas contra a exploração de tantas crianças, ensinando-se-lhes uma arte dramatica max xada e ignobil. Naturalmente a critica indigena vai tecer-lhes um rôr de elogios, outro ao ensaiador que conseguiu fazer aquellas meninas se desengonçarem com arte nos meneios e rebolados, e ainda um outro, e este maior do que os outros, expressamente destinado ao empresario que a distingue — a ella critica — com os annuncios.

E em tal caso — sua alma sua palma.

* * *

Dias Braga teve uma idéa melhor na *répr se* a que se está entregando de todas as peças do seu repertorio: deu-nos de novo o *Grão Galeoto*, a bella peça de Echegaray, traduzida com extraordinaria felicidade por V. Magalhães e F. de Almeida.

Effectivamente é para applaudir o bom movimento do Dias, pois que nos offereceu mais um ensejo de ainda outra vez apreciar os bellos e naturalissimos versos do Valentim e do Filinto. Mas só isso. O publico não acquiesceu á tentativa e pela razão que temos tantas vezes expellido aqui: as *réprises*, e principalmente as *réprises de réprises*, já não podem dar nada, ainda que se lhes injecte sangue novo.

Não, não, definitivamente não! O theatro não estacionou no dia em que o Dias Braga

representou pela primeira vez o Carnioli, o Julião, o barão de Lambeck, ou o Mandrim, ou o Rocambole, ou o Edmundo Dantès.

Agora mesmo viu-se isso, com o *Grão Gileste*.

A empreza nada ganhou com o caso; só ganhou a actriz Adelaide Coutinho, que teve ensejo de demonstrar mais uma vez quanto tem estudado, melhorado e progredido.

* *

A companhia Gungunhana, que trabalhava no S. Pedro, mudou-se para o Theatro Nacional.

Sabem onde é esse theatro? Não. Pois nem eu!

* *

No Recreio continúa o incontestavel successo da peça mais bem vestida d'estes ultimos tempos — o *Rio Nô E*, como sempre, produz um delirio de enthusiasmo o *ainda* da peça: a scena da afamada revista em que uma criança dá *um curso a natureza* em um banco do bond electrico...

O publico applaude; é signal de que gosta. Pois deem-lhe mais!

* *

Ainda venho a tempo — porque sempre é tempo — para fazer referencia á morte de Bernardo Lisboa, um actor consciencioso, intelligente e trabalhador.

Minava-o ha longos annos a molestia; e seu fim foi precipitado exactamente pelo labor a que se entregava, constante e ininterrupto, apesar de não poder mais, de impossibilitado para a difficil e acabrunhadora arte a que se consagrara com inteiro animo, com exaggerado culto.

* *

No theatro Phenix Dramatica houve ha dias um espectáculo, cujo annuncio nos bados das quartas paginas dos jornaes, dizia que no mesmo espectáculo tomava parte a *primeira actriz* Celina Bonheur.

Primeira? Mas quantas são as primeiras? E, desculpen a curiosidade: — quaes são as ultimas?!

TONY.

P. S. Acima fallei da critica indigena, que naturalmente terá elogiado o *Tim-Tim*, da companhia infantil do Eden Lavradio.

Rectifico meu dizer e peço perdão ao critico do *Jornal do Commercio*, que teve a coragem de sacrificar o balcão, dizendo com toda hombridade umas verdades cruas a tal respeito.

Transcrevo com prazer as seguintes linhas do velho *Jonna*:

«A empreza annunciára o espectáculo como um acontecimento *fin de siècle*, e teve razão para isso, se por essa denominação deve ser qualificado tudo que, ultrapassando os limites do decóro, da moral, do honesto e do natural, choca pelo absurdo, pelo extravagante e pelo desarroado, o espirito dos que se educarão nas velhas normas, e habituárão-se a respeitar como sagrada a innocencia da infancia ingenua e candida.

«Contrista realmente vêr um rancho de crianças, todas ellas debéis, anímicas e na maior parte rachiticas, passarem quatro interminaveis horas em um palco profusamente illuminado, bamboleando os quadris em meneios lubrícios, durante uma longa série de dansas abrageiradas e de can-cans agarotados.

«A preocupação d'aquellas crianças em requebrarem-se a compasso, ainda que em movimentos, desengraçados e gestos bisonhos, faz-nos pensar na aprendizagem que soffreram e na crueldade de quem sujeitou-as á tortura de aprender cousas taes!»

Bravo! Muito! Muito bem!

T.

O PAI DE TODOS

As crianças quando contam os dedos das mãos, dão-lhes as seguintes denominações: do mindinho, seu visinho, pai de todos, furabolos e mata-pioio.

Isto intrigava-me, principalmente pelo *peí de todos*... Pois está tudo explicado pela seguinte local da *Gazeta de Notícias*, que li absorto e após cuja leitura fiquei contemplativo:

«Falleceu hontem ao meio-dia, o Sr. J. N. V. antigo funcionario publico aposentado, e pai de nossos collegas do *Jornal do Commercio*...»

O illustre fallecido era o pai de todos... do *Jornal do Commercio*... Até do nosso velho Pederneiros!

Pois receba os nossos mais sentidos pesames, a redacção inteira do *Jornal do Commercio*.

G. P.

“Liberdade,”

Depois de successivas transferencias, que serviram para mais aguçar a curiosidade do publico, surgiu na arena da imprensa (*o? a?*) *A Liberdade*, ou *O Liberdade*, ansiosamente esperado órgão monarchista.

Anciosamente sim, e por igual, entre gregos, troynos e neutros, sendo uns por sympathia pela causa, outros por desejarem medir as forças do adversario e os ultimos finalmente por natural interesse que move as galerias, promptas sempre a applaudir ou patear segundo lhes dá na gana.

Pois ahí está o novo órgão, e de que é organista o Sr. Candido de Oliveira, dizem, — porque o novo paladino, acerca de nomes, apenas affirma ser propriedade de Barreto & C.

Bem escripto, — nem podia deixar de selo — é do seu artigo-programma os seguintes trechos:

«Vem *A Liberdade* colaborar na obra de regeneração d'esta terra, que não pertence exclusivamente a parte de nenhum, antes é de todos nós e será dos nossos filhos.

«Sua missão não é semear odios nem dividir mais a Familia Brasileira.

«Aos que governam, apontará os erros com nettidos, fazendo-lhes ouvir as vozes dos vencidos e que, por isso mesmo que se acham fóra do torvelinho do poder, mais de perto conhecem a profundidade do mal social.

«O seu apparecimento não é uma provocação e sim o legitimo exercicio do direito de que só Bem pôde provir.

«Quando se faz calar a imprensa, abre-se a porta para o trabalho subterraneo das conjurações.

«E' por isso que, cheios de segurança e á sombra da lei, armamos a nossa tenda de trabalho.»

Cumprimentando amistosamente o novo collega, fazemos votos sinceros pela sua prosperidade e por uma existencia para elle sempre calma, e tranquilla. Jamais, porém, pela victoria de suas ideas, entendendo que a monarchia é o unico salvaterio, desde que nós entendemos diversamente, isto é, que para salvar-nos basta uma republica séria, moralizada e honesta.

A nossa estante

Recebemos e agradecemos:

Perfil biographico e politico do Dr. Martin Francisco, devido á penna do habil jornalista Dr. Leopoldo de Freitas. E uma noticia succinta mas verdadeira e justa sobre a

individualidade d'esse legitimo herdeiro das glorias dos Andradas, d'esse moço que «em politica é crente na religião da democracia, cujos principios e benefica applicação na pratica do regimen governativo das sociedades modernas — conhece com segurança; que, advogado, a convicção do direito, a inspiração da justiça e o cumprimento do dever profissional o induzem ao pleito; em cujo typo nervoso e alto se comprehende, pelo relampago do olhar, o temporamento d'esse homem d'Estado e orador fluente» segundo a phrase do auctor do perfil.

Pornographia contra pornographia, violento mas muito conceituoso pamphleto do illustrado Sr. Dr. Erico Coelho, que não se fatigou em dar uma tunda mestra — e merecida — no Apostolado e concomittante igreja positivista da rua Benjamin Constant.

Relatorio do Banco de Creditó Real de S. Paulo, apresentado á assembléa geral dos accionistas convocada para 30 de abril findo.

Vagas, um pequeno volume de versos de Sabino Baptista, e que pertence á bibliotheca da excellente Padaria Espiritual do Ceará. O auctor é um poeta: merece conversa mais deplorada — compromisso de que nos desobrigaremos.

Artigos e Chronicas de Paulino de Azevedo, do Pará. Também fallaremos a respeito.

As Semi-Virgens, traducção do romance de Marcel Prévost, — *Demí-Virges*, com um prefacio de Escraguolle Doria, edição Laemmer & Companhia.

Maximas do Marquez de Maricá, collecção completa de pensamentos e reflexões, em nido volume que traz na primeira pagina um bom retrato e um *fac-simile* do illustre Marquez. E' uma obra que, como bem pensam os seus editores, o Sr. Laemmer & Companhia, tanto por seu contheudo como por sua execução typographica honra a imprensa brasileira.

Tracema, n. 7, do Centro Litterario do Ceará, brilhante publicação a que se pôde fazer elogios incondicionaes.

Relatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia da cidade de Santos, apresentado em assembléa geral pelo seu presidente, o Sr. Firmino Ferreira Leão de Moura.

A Bahia, bem redigido diario, que encetou sua publicação na capital do Estado do mesmo nome, sob a redacção e direcção do Sr. Castro Rebello.

A Bohemia, jornal illustrado que vem de apparecer em S. Paulo, e de que é director o Sr. Dr. José Piza. Impresso a côres, e com apuro artistico na factura; contendo um texto fino e gracioso, o nosso collega honra a imprensa illustrada de S. Paulo e está fadado a brilhante futuro.

O Bahemio, ns. 1 e 2, outro jornal illustrado de S. Paulo, que dentro em pouco contal-os-ha ás duzias. Com as nossas saudações ao collega vão os votos que fazemos por sua melhoria e prosperidade.

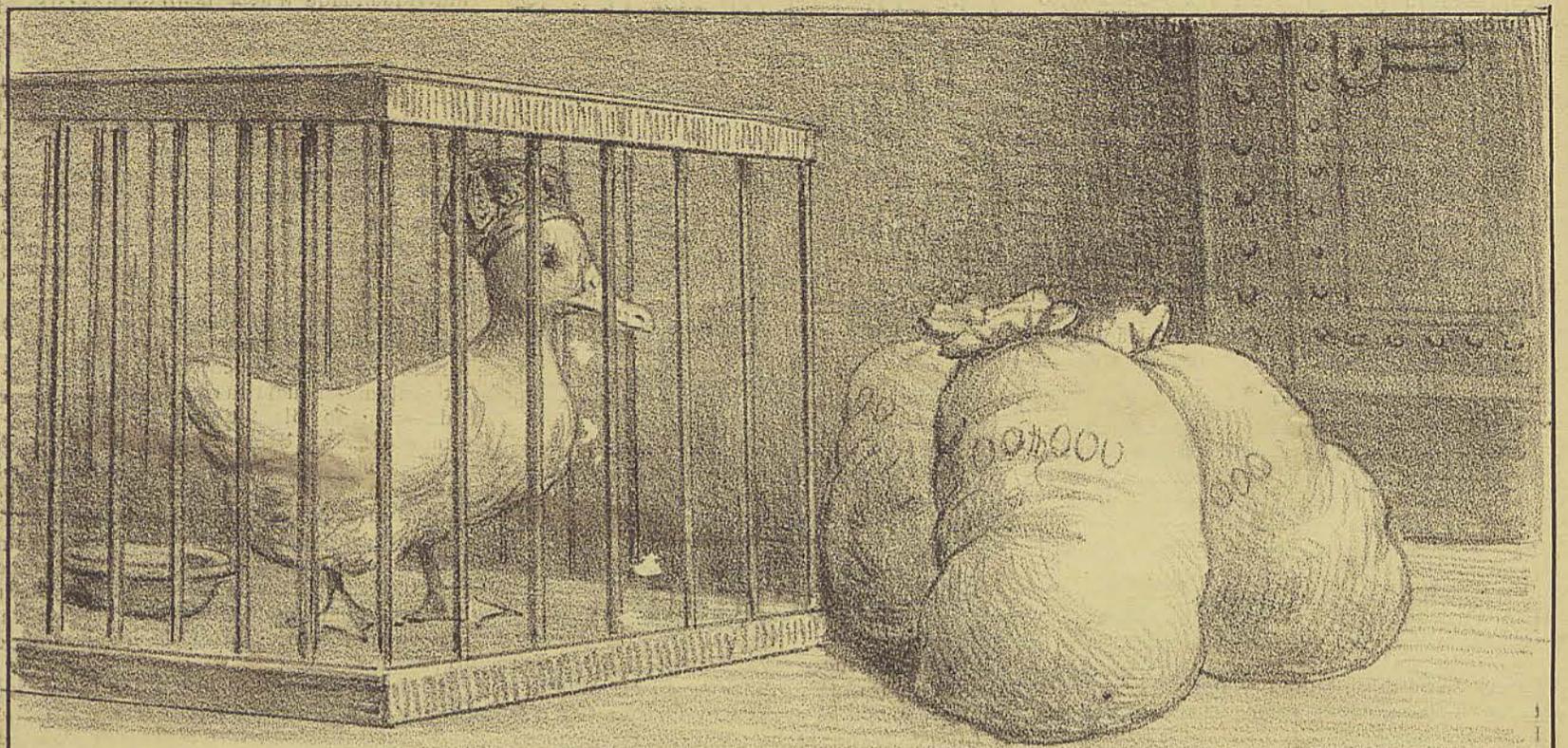
Petit Echo de la mode: n. 16 do 18.º anno; *A Estação*, numero correspondente a 30 de abril findo; ambos importantes e apreciados jornaes de modas.

Agora a secção philarmónica e pianophila: *No lo creyo* valsa de Aurel o Cavalcanti; e *O teu sorriso*, schottisch por Leopoldo Muylaert Junior; da casa Vieira Machado & C.

Ricordo de Nipoli, mazurka de Eugenio Orfeo; e *Confetti*, polka de A. Milanez, editadas pela casa I. Bevilacqua & C.

Fascinadora, quadrilha por M. J. Santos Franco; *I. Medici*, opera de R. Leoncavallo; *Ai hul*, polka tango por Theophilo José Martins; *Valsa do Lopes*, do Rio Nô por Luiz Moreir; *Tango a sogra*, do Rio Nô por Costa Junior; *Tango da Febe Amaralli*, do Rio Nô, por Luiz Moreir; *Mazurka dos banhistas*, do Rio Nô, por Costa Junior; editadas pelas casas Buschmann & Guimarães.

Typ. Moraes, r. de S. José 35



Consta que os monarchistas arranjaram um marreco para o seu tão esperado jornal.
Milho não falta; e uma solida gaiola de ferro garante-o contra qualquer ataque. Cautella e caldo de gallinha...



Afinal, depois de tanto tempo preso, foi solto o marreco e voou o "Liberdade".

- Que recebemos com maximo prazer, observando que nas suas criticas repetiu tudo quanto temos dito. Seja bem vindo o collega.